



LAZER E GÊNERO: PRÁTICAS E PERCEPÇÕES DE PROFESSORES E PROFESSORAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA DE UMA CIDADE MINEIRA

Fernanda Santos de Abreu¹
Elisângela Chaves²
Doiara Silva dos Santos³

RESUMO: O objetivo desta pesquisa é analisar a relação entre gênero e as experiências de lazer de professores e professoras de Educação Física (EF) de escolas públicas de uma cidade mineira na pandemia. Os procedimentos metodológicos utilizados basearam-se no uso de questionário semiaberto via *Google Forms* e na realização de entrevista semiestruturada via *Google Meet*. Os resultados apontaram que o gênero se concretizou como componente de diferença de oportunidade e usufruto do tempo, espaço e práticas de lazer. Constatou-se em especial o caso das pessoas que se identificaram como: mulheres cis e também de pessoas que se autodeclararam gays e homens cis. Em relação às práticas de lazer dessas pessoas, observou-se o predomínio de práticas relacionadas ao conteúdo virtual, como, por exemplo, o uso de redes sociais: *Instagram*, *WhatsApp* e *TikTok*, além da utilização de plataformas digitais como *Netflix* e *Prime Vídeo*.

Palavras-chave: Gênero; Lazer; Professores e Professoras.

LEISURE AND GENDER: PRACTICES AND PERCEPTIONS OF TEACHERS AND PHYSICAL EDUCATION TEACHERS IN A CITY IN MINER

ABSTRACT: The objective of this research is to analyze the relationship between gender and the leisure experiences of Physical Education (PE) teachers from public schools in a city in Minas Gerais during the pandemic. The methodological procedures used were based on the use of a semi-open questionnaire via *Google Forms* and the conduct of a semi-structured interview via *Google Meet*. The results showed that gender was a component of difference in opportunity and enjoyment of time, space and leisure practices. In particular, there was the case of people who identified themselves as: cis women and also people who declared themselves gay and cis men. In relation to the leisure practices of these people, the predominance of practices related to virtual content was observed, such as, for example, the use of social networks: *Instagram*, *WhatsApp* and *TikTok*, in addition to the use of digital platforms such as *Netflix* and *Prime Video*.

Keywords: Gender; Leisure; Teachers.

¹ Doutoranda e Mestra pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer pela Universidade Federal de Minas Gerais (PPGIEL/UFMG). Professora de Educação Física da Rede Pública Estadual de Minas Gerais (SEEMG). E-mail: fernandaabreuedfisica@gmail.com

² Professora do Programa de Pós Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer (PPGIEL/UFMG). Mestrado e Doutorado em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: elischaves@hotmail.com

³ Doutora em Educação Física pela University of Western Ontario (UWO), London, Canadá. Professora do Departamento de Educação Física da Universidade Federal de Viçosa (UFV), Minas Gerais. E-mail: santosdoiara@ufv.br

OCIO Y GÉNERO: PRÁCTICAS Y PERCEPCIONES DE DOCENTES Y PROFESORES DE EDUCACIÓN FÍSICA EN UNA CIUDAD DE MINERO

RESUMEN: El objetivo de esta investigación es analizar la relación entre el género y las experiencias de ocio de profesores de Educación Física (EF) de escuelas públicas de una ciudad de Minas Gerais durante la pandemia. Los procedimientos metodológicos utilizados se basaron en el uso de un cuestionario semiabierto vía Google Forms y la realización de una entrevista semiestructurada vía Google Meet. Los resultados mostraron que el género era un componente de la diferencia en las oportunidades y el disfrute del tiempo, el espacio y las prácticas de ocio. En particular se dio el caso de personas que se identificaron como: mujeres cis y también personas que se declararon homosexuales y hombres cis. En relación a las prácticas de ocio de estas personas, se observó el predominio de prácticas relacionadas con contenidos virtuales, como, por ejemplo, el uso de las redes sociales: Instagram, WhatsApp y TikTok, además del uso de plataformas digitales como Netflix, y vídeo principal.

Palabras clave: Género; Ocio; Maestros.

INTRODUÇÃO

Os debates acadêmicos sobre lazer e gênero, no decorrer das últimas décadas, ampliaram-se em diferentes campos de pesquisas (GOELLNER *et al.*, 2010; ALMEIDA *et al.*, 2012; BARBOSA; LIECHTY; PEDERCINI, 2013). Percebe-se que o binômio lazer e educação já é objeto de investigação multidisciplinar (MARCELLINO, 2012; GOMES, 2008), todavia, ao abordar esses temas, relacionando-os, em específico, aos significados, sentidos e vivências de professores e professoras de Educação Física (EF) escolar, encontramos um espaço a ser cultivado.

Tendo este panorama, este estudo problematiza o lazer e as questões relacionadas a gênero, partindo das percepções, apropriações e vivências de professores e professoras de EF de uma cidade mineira no contexto da pandemia do coronavírus (Covid-19), apresentando o recorte temporal entre março de 2020 a março de 2021. Tal momento, considera as diversas alterações na configuração do cotidiano social, e conseqüentemente também a relação das pessoas com o lazer e questões de gênero.

Neste sentido, faz-se necessário sinalizar que Silvestre e Amaral (2017) ao ponderarem sobre o lazer de professores da rede estadual paulista destacam que diante uma classe profissional heterogênea, o delineamento de gênero oferece potencial analítico enquanto marcador social de diferença das possibilidades de tempo, acesso, vivência e significação do lazer.

Destaca-se que este estudo, se pauta na perspectiva e compreensão de gênero como categoria cultural e analítica, sendo, portanto, um elemento implicado em outros processos de

subjetivação que se articulam com esferas como: condições socioeconômicas, religiosidade, nacionalidade, raça, etnia dentre outros.

Portanto, esta pesquisa depreende das compreensões de gênero na perspectiva pós-estruturalista, compreendendo as questões de gênero mediante uma construção plural, que sofre impactos de instituições sociais e reverbera em práticas sociais, como o lazer (LOURO, 2014; CONNELL; PEARSE, 2015; BUTLER, 2020).

DIALOGANDO SOBRE GÊNERO

Dialogar sobre as questões de gênero, constitui contextualizar as construções e representações históricas e sociais da sociedade que atravessam diferentes contextos que se relacionam aos espaços, tempos e grupos sociais. Em função disso, neste tópico, busca-se situar o panorama epistemológico diante estas construções.

No traçado dessa constituição, a composição do gênero como categoria de análise teve em seu surgimento entrelaces com o movimento do feminismo, a partir de elementos como afirmação e consolidação dos direitos da mulher, ganhando desta forma a visibilidade de militantes e estudiosos e estudiosas do tema (LOURO, 2014; MEIRA, 2014).

Assim, partindo deste estágio inicial as questões de gênero apresentavam relação imediata com noções de sexo e sexualidade, em específico com o sexo biológico das pessoas (LOURO; FELIPE; GOELLNER, 2013). Neste panorama,

a distinção entre sexo e gênero atende à tese de que, por mais que o sexo pareça intratável em termos biológicos, o gênero é culturalmente construído: conseqüentemente, não é nem o resultado causal do sexo nem tampouco tão aparentemente fixo quanto o sexo. Assim, a unidade do sujeito já é potencialmente contestada pela distinção que abre espaço ao gênero como interpretação múltipla do sexo (BUTLER, 2020, p. 25-26).

Nesta visão, Butler (2020, p. 27), destaca que “gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado”. Essas nuances acerca do gênero, nos remetem a uma lógica social de (re)produção de etiquetas identitárias que fazem parte da construção social, implicada em aspectos culturais, biológicos, sociais e etc.

Tal perspectiva já sinaliza um avanço na perspectiva epistemológica de compreender as questões de gênero e suas possibilidades, Escosteguy (2016, p. 70), disserta que o gênero na sua classe de construção social “se associa à ideia de que as identidades se definem de

modo relacional e, a partir de determinado momento, não mais exclusivamente via o par feminino-masculino.” Elucidando os dizeres de Escosteguy (2016), percebe-se uma intencionalidade de se quebrar o binarismo feminino / masculino, enxergando a pluralidade humana.

Desta forma, é enfatizado por Veiga e Pedro (2019, p. 330), que as questões de gênero, procurariam, “dar conta de relações socialmente constituídas, que partem da contraposição e do questionamento dos convencionados gêneros feminino e masculino, suas variações e hierarquização social”. Nota-se que a percepção relacionada ao gênero foi se constituindo mediante a edificação da noção dos papéis sociais (DELPHY, 2018).

Tendo como referência tais pensamentos, é possível depreender que o gênero não se materializa de forma separada, isolada, mas se concretiza e materializa nos movimentos sociais, estruturas de poder e emergem das transformações temporais e sociais (CONNEL, 2016).

As autoras brasileiras Guacira Lopes Louro, Jane Felipe e Silvana Vilodre Goellner (2013, p. 18) já contemplavam essa perspectiva ao sinalizarem que ao longo da vida “através das mais diversas instituições e prática sociais, nos constituímos como homens e mulheres, num processo que não é linear, progressivo ou harmônico, e que também nunca está finalizado ou completo”.

Desta forma, representações sobre a conceituação de gênero, preveem uma perspectiva de um corpo plural e conflitante que se constrói e se desconstrói mediante sua materialização cultural, histórica, social, política e que também irá se relacionar com outros marcadores sociais como sexualidade, nacionalidade, raça, etnia, religião e demais aspectos identitários.

Louro (2014), alerta sobre a necessidade de atentar-se para essa compreensão de gênero de maneira plural notando as variadas representações sobre homens e mulheres, percebendo, que a compreensão do gênero, por conseguinte, será diversificada, da mesma forma que se diferem em várias constituições e seus grupos sociais.

Dentro desse cenário de construção e materialização do gênero, Barreto (2014, p. 7) realça em seus dizeres que “falar de gênero não é apenas falar de mulheres e homens ou de diferença sexual, mas também de identidades que são construídas fora de uma lógica heteronormativa, como a de travestis, transexuais e transgêneros”.

A partir desse pensamento um outro elemento presente no campo do gênero é o

movimento LGBTQIA+⁴, que considera as diferentes categorias de identidade de gênero e orientação sexual (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transgêneros, queer, intersexual, assexuados e mais que corresponde as outras inúmeras possibilidades de orientação sexual e gênero).

Diante do exposto, faz-se necessário portanto, entender que os debates de gênero constituem não apenas compreender as diferenças entre as pessoas e não aceitar que elas sejam desiguais, mas sim, notar como:

A educação, as relações familiares a mídia a indústria cultural, o mercado capitalista e as próprias atividades de Lazer tentam camuflar as construções histórico-culturais das diferenças para justificar diversas desigualdades como algo “natural” (SAMPAIO, 2011, p. 33).

Desta forma, mediante todo este diálogo epistemológico, é possível constatar a necessidade de se (re)pensar conhecimentos e ideias sobre o gênero e seus contextos que percorrem a sociedade estabelecendo estruturas nas relações do cotidiano, na educação, no trabalho, no lazer e outras esferas, o que reforça a importância de se debater sobre essa temática e ampliar desta forma a rede de conhecimentos que contempla este conjunto.

CONTEXTUALIZANDO LAZER E GÊNERO

O lazer, e a construção de sua exploração acadêmica, apresenta diferentes concepções históricas e contextuais (MARCELLINO, 2006; CAMARGO, 2003; DUMAZEDIER, 1994). Porém, este estudo se pauta no entendimento do lazer como elemento da cultura, que está implicado em transformações sociais e se relaciona com a necessidade humana, como aponta Gomes (2014, p. 9):

a compreensão de lazer como necessidade humana e dimensão da cultura é incipiente na produção sistematizada sobre a temática. Seguindo essa perspectiva de compreensão e análise, o que é geralmente designado como “lazer” enraíza-se na ludicidade e constitui uma prática social complexa que abarca uma multiplicidade de vivências culturais situadas em cada contexto.

Desta forma o lazer apresenta conectividade com aspectos históricos, sociais e culturais das pessoas de forma contínua, (re)criando, e (re)produzindo cultura de acordo com

⁴ A sigla LGBTQIA+, ao longo da sua constituição passou por mudanças na sua compreensão, tendo a existência de outras siglas como LGBTQ, LGBTQI, LGBT+, LGBTI, que também são utilizadas de forma ampla. Neste estudo optou-se pela utilização da sigla LGBTQIA+.

as necessidades e transformações sociais, tornando-se dessa maneira, parte integrante da formação humana.

Apesar dessas características e de o lazer estar reconhecido pela Constituição embasado no seu artigo 6º:

Art. 6º São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição (BRASIL, 1988).

Marcellino (2006), lista uma série de problemáticas que podem se constituir como obstáculos para experimentar o lazer, marcadores sociais como: raça, etnia, condições socioeconômicas, idade, nível de escolaridade, sexo, violência dentre outros fatores, precisam de contextualizações específicas para serem analisadas enquanto barreiras para o lazer.

Em específico nesta pesquisa buscamos compreender como as questões de gênero podem se configurar como empecilho para a vivência do lazer, tendo como pressuposto problematizar “o lazer, como dimensão configurativa da cultura, não pode ser pensado fora da sociedade. Trata-se de um fazer social que necessita aprofundar a reflexão em torno das relações de gênero” (LEIRO, 2002, p. 4).

Essa compreensão vai ao encontro dos dizeres de Barbosa, Liechty e Pedercini (2013) ao realçarem que a relação entre lazer e gênero e as expectativas sociais direcionadas ao gênero de cada um implicam em diferentes oportunidades de vivenciar o lazer.

A partir dessas elucidaciones, é necessário salientar que o espaço de lazer é “generificado e generificador, pois nele produzem-se e reproduzem-se comportamentos, ações, discursos e práticas diferenciadas para homens e mulheres, que reafirmam representações hegemônicas de masculinidades e feminilidades” (GOELLNER *et al.*, 2010, p. 18).

É perceptível portanto, que diferentes pessoas são afetadas de maneiras distintas e desiguais, e que neste panorama as relações de gênero se configuram em espaços diferenciados para os grupos sociais e suas subjetividades (GOELLNER *et al.*, 2010). Como se nota, esse espaço, tempo e vivência do lazer e sua relação com gênero é permeado de influências sociais e culturais que (re)produzem elementos generificadores de corpos, identidades e pessoas.

Ao tentar aproximar este panorama ao grupo social escolhido para esta pesquisa, Silvestre e Amaral (2017, p. 84) destacam que:

Ao cotejarmos o fenômeno do lazer entre os professores, foi evidente que, além da menor parcela de tempo, as atividades de lazer relatadas pelo gênero feminino ocorrem prioritariamente no tempo e espaço do ambiente privado, enquanto o lazer do gênero masculino é vivenciado com maior regularidade em espaços externos ao ambiente doméstico.

A partir da ponderação acima, é possível perceber que esta relação entre lazer e gênero contextualizada a grupos de professores e professoras é recente, necessitando, portanto, de maior exploração científica, lacuna com a qual esta pesquisa pretende contribuir.

PERCURSOS METODOLÓGICOS

O presente estudo apresenta-se na perspectiva qualitativa e de caráter exploratório. Foram utilizados dois instrumentos para coleta de dados: questionário via *Google Forms* e entrevista semiestruturada via *Google Meet*. Salienta-se que essa pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (Universidade Federal de Minas Gerais), sob o número do parecer 5.341.232.

Em relação a composição do grupo de pessoas incluídas na pesquisa ocorreu de forma intencional, sendo convidados a participarem deste estudo, voluntariamente, professoras e professores de EF da rede pública de ensino (municipal e estadual) em atuação na cidade de Sete Lagoas, Minas Gerais (MG).

Dados obtidos previamente junto a Secretaria Municipal de Educação e Secretaria Estadual de Educação (SEE) de Sete Lagoas, revelou um total de 93 professores e professoras na esfera estadual, e 61 professores e professoras no âmbito municipal.⁵

Destaca-se que durante o período de coleta de dados obteve-se um total de 33 respondentes do questionário, dos quais 15 se identificaram como homens e 18 como mulheres, destes, 11 participantes sendo 7 homens e 4 mulheres, responderam ao contato da pesquisadora e foram entrevistados através da plataforma *Google Meet* em julho de 2022.

No que se refere a análise dos dados, os dados do questionário foram apresentados descritivamente, já as entrevistas foram transcritas e submetidas à análise de conteúdo (AC) (BARDIN, 2006).

⁵ É válido destacar que, nesse contexto, os dados obtidos podem sofrer alterações, tendo em vista que, em algumas escolas, ainda estava ocorrendo o processo de contratação de professores, bem como se tem as questões relacionadas a licença para tratamento de saúde, afastamento funcional, aposentadoria, o que leva de certa maneira a uma “flexibilização” desses dados, mediante realidades diversas, além da possibilidade desses professores e professoras atuarem em mais de uma escola, e com vínculos diferentes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A maior parte dos participantes da pesquisa atuam na rede pública estadual de Sete Lagoas 23 (87,9%) e 10 (30,3%) lecionam no âmbito municipal. A faixa etária predominante dessas pessoas teve variação entre 29 a 39 anos. Destes, em sua maioria 63,6% atuavam em caráter efetivo, já 42,4% têm como situação de contrato de trabalho o vínculo temporário (contratado por tempo determinado). Ressalta-se que um mesmo respondente pode atuar nessas duas esferas empregatícias, e também em redes de ensino diferentes.

Um aspecto importante para este estudo, relaciona-se com as práticas de lazer desses professores e professoras durante o recorte temporal de março de 2020 a março de 2021. E constatou-se de forma evidente e anunciada que o ambiente doméstico foi o principal espaço para vivência do lazer, como percebe-se em

Comecei a fazer atividade física, dentro de casa, atividade adaptada com o que eu tinha disponível (PARTICIPANTE⁶ 14)

Nos reunimos muito em casa, né? Aproveitar mais do momento com a família, essas coisas (PARTICIPANTE 1).

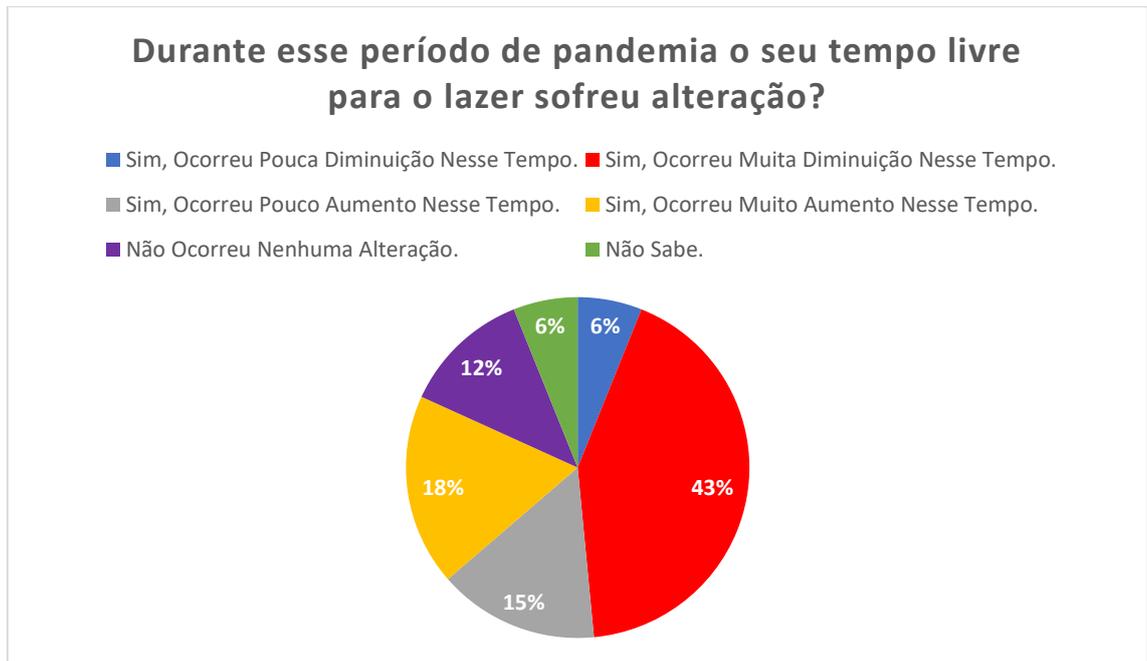
Outro elemento apurado foi que para 79% dos respondentes a sua principal prática de lazer consistia no uso das redes sociais como *Instagram*, *Facebook*, *TikTok*, *WhatsApp* e com uma frequência de utilização contínua. Tal panorama também foi percebido no que se refere ao uso de plataformas como *Netflix*, *Youtube*, *Prime Vídeo* e etc.

Neste cenário, Montenegro, Queiroz e Dias (2020) ao analisarem as práticas de lazer de universitários na cidade de Macapá, contataram que para 89,9% dos respondentes o uso da internet foi a principal vivência de lazer. Tais dados conversam com o panorama da peculiaridade temporal pandêmica, momento em que vários espaços foram fechados e/ou tiveram o acesso submetido a protocolos de redução de público, etc.

No que se refere aos impactos no tempo livre para o lazer para os participantes do presente estudo, obteve-se os seguintes dados:

⁶ Para manter anonimato dos professores e professoras participantes cada respondente será identificado da seguinte forma: Participante 1, Participante 2, e assim por diante, levando em consideração a data de envio do questionário.

Gráfico 1 – Pandemia e o tempo para o lazer.



Fonte: Elaboração própria.

Nota-se que para grande parte dos professores e professoras participantes desta pesquisa, o tempo para o lazer sofreu muita diminuição no período pandêmico. Desses 43% 14 respondentes são mulheres, e 4 respondentes são homens.

A redução de tempo visibilizada no gráfico acima, pode apresentar relação com o acúmulo de funções exercidas pelas mulheres na pandemia. Tendo em vista, a nova configuração de trabalho com o ensino remoto (preparação das aulas junto a aplicativos de vídeos, montagem de material didático e etc.), bem como as tarefas domésticas que aumentaram mediante os cuidados necessários devido a pandemia (PESSOA; MOURA; FARIAS, 2021).

Além dos aspectos relacionados ao lazer (tempo / práticas) a sua relação com o gênero integra o ponto principal do desenvolvimento dessa pesquisa. Neste sentido, faz-se necessário visibilizar as percepções e apropriações desses professores e professoras sobre as questões de gênero e sua relação com o tempo, espaço e possibilidades de prática do lazer.

No que se refere a compreensão dos entrevistados sobre o que é gênero, foi perceptível a hesitação e a dificuldade em responder, como se revela nos trechos abaixo:

Gênero, como eu posso dizer, **agora você me apertou** (PARTICIPANTE 1). Nossa, que **medo de errar essa pergunta**⁷. É uma pergunta difícil (PARTICIPANTE 3).

⁷ Grifos das autoras.

Nota-se em tais relatos o receio em responder tal indagação. Entretanto, outros relatos obtidos ilustram a percepção deste grupo sobre o que eles entendem como gênero:

Ia falar que gênero é masculino e feminino, né, mas eu acho que vai além disso também, né, eu vou parar no gênero masculino e feminino (PARTICIPANTE 3).
Vou pegar uma base de masculino e feminino (PARTICIPANTE 28).

Os relatos acima apresentam uma conexão entre gênero e os elementos de feminino e masculino e seus papéis identitários, panorama que é parte integrante de uma construção cotidiana das relações históricas e sociais, e que conseqüentemente influencia o entendimento sobre o que é gênero. Embora, reconheçamos que esse processo não ocorre em corpos passivos e imutáveis, mas em um contexto cultural em constante evolução (BUTLER, 2020; CONNELL, 2016; CONNELL; PEARSE, 2015).

Outras respostas obtidas apontaram dialogar com perspectivas mais críticas e contextualizadas, respectivas aos avanços na abordagem do tema gênero, conforme relatos a seguir:

Gênero, pra mim, são **marcadores sociais** que colocam nossos corpos dentro de regras, é o que se espera das pessoas, um homem, seja másculo, que ele tenha determinado jeito (PARTICIPANTE 6).
Gênero, está relacionado com a **subjetividade do sujeito**, tem a ver com relações do feminino e do masculino, mas não necessariamente com o **sexo biológico**, mas as práticas, o jeito, o comportamento (PARTICIPANTE 14).
Gênero é **como a pessoa se identifica**⁸, como ela se reconhece, como ela quer ser tratada" (PARTICIPANTE 15).

Percebe-se nessas respostas obtidas uma percepção mais crítica sobre gênero, seguindo os avanços da investigação dessa questão nos debates sociais, políticos e acadêmicos, dando luz neste sentido a pensamentos sobre diferentes formas de construção das identidades e subjetividades individuais (KNIJNIK, 2010; CORREIA; DEVIDE; MURAD, 2017).

Importante destacar por exemplo, que os Participantes 6 e 15 identificam-se enquanto homens cis e ambos indicaram, em relação a orientação sexual, serem gays, sendo, ainda, o Participante 6 autodeclarado preto e o Participante 15 branco.

É notório que essa proximidade entre o universo LGBTQIA+ e as questões de gênero perpassam por uma construção temporal que busca sinalizar perspectivas que indiquem mais diversidade, inclusão e respeito (CAMARGO, 2021).

⁸ Grifos das autoras.

Foi possível constatar, outro elemento importante para este estudo cujo 78,8% dos participantes da pesquisa assinalaram que encontraram dificuldades de vivenciar o lazer no período de março de 2020 a março de 2021. No questionário, ao indagar se tais dificuldades tinham relação com seu gênero, 72,7% um total de 24 respondentes indicaram que “não”, 24,2% sendo 8 respondentes apontaram que “talvez” e apenas 3% (um respondente) assinalou a opção “sim”.

Dos 24 respondentes que sinalizaram a opção “não” 14 se identificaram enquanto mulheres. Todavia, é importante ressaltar, por exemplo, o caso das Participantes 3, 14, 29 e 30 que assinalaram negativamente, entretanto, ao realizar a entrevista e serem questionadas sobre suas práticas de lazer durante a pandemia de março de 2020 a março de 2021, sinalizaram que foram impactadas por alguma questão de gênero:

Sim, eu, como mulher, **não só na época de pandemia**. A gente sai prejudicado no sentido do **medo, só pelo fato de eu ser mulher**, então a questão de me locomover. (PARTICIPANTE 3).

Infelizmente, na sociedade onde a gente vive, o **patriarcado** é muito grande e o **machismo impera**. A mulher que teve que ficar durante a pandemia em casa, ela modificou sua jornada, ampliou ainda mais quase **sufocando** (PARTICIPANTE 14). É porque a gente, por ser mulher, né? Aqueles cuidados de casa que a gente tem que ter sempre fica sobrecarregado pra mulher, então, já viu, **sobra tudo pra gente**⁹ (PARTICIPANTE 29).

Seguindo este mesmo panorama, outro grupo também admitiu que questões de gênero interferiram em suas possibilidades de acesso e prática do lazer. Tal grupo é formado por participantes que se identificaram como homens cis gays,

A gente pensa duas ou três vezes antes de ir para algum lugar. Porque **a gente nunca sabe se esse lugar vai nos caber**, enquanto ser humano né? (PARTICIPANTE 6).

A gente tem medo das pessoas saber que a gente é gay¹⁰. É coisa que hétero não tem que se preocupar né? (PARTICIPANTE 15).

Portanto, a partir dessas respostas, evidencia-se como as questões relacionadas a gênero impactam diferentes grupos sociais, sendo perceptível que para a maioria das mulheres entrevistadas, bem como para as pessoas LGBTQIA+ o gênero é um elemento influenciador nas suas oportunidades de acessarem e vivenciarem o lazer em espaços públicos e/ou privados.

Dessa forma, o acesso aos espaços destinados ao lazer por esses grupos sociais

9 Grifos das autoras.

10 Grifos das autoras.

encontra na sua condição de gênero uma barreira que tem como base o medo de sofrer algum tipo de violência limitando, dessa forma, as condições de usufruto do lazer nos mais variados locais, tendo em vista a conectividade entre os elementos de gênero com a produção e reprodução de papéis sociais, relações de poder e simbologias de gênero (KNIJNIK, 2010).

Por outro lado, o grupo composto por participantes que se identificam como homens cis e heterossexuais não indica que questões de gênero se configuram como uma possível barreira para suas práticas de lazer:

Não, para mim não há nenhum problema" (PARTICIPANTE 1).

Não, por questão de gênero não. O que limitou o acesso foi não ter sido vacinado (PARTICIPANTE 28).

A partir de todas as elucidações presentes neste texto, é possível constatar que os dados desta pesquisa surgem como forma de desenvolvimento do campo acadêmico relacionado ao lazer, considerando e reconhecendo o gênero como um marcador social que impacta o cotidiano das pessoas de diferentes maneiras, tornando-se, assim, uma importante ferramenta de análise social – em específico nessa pesquisa do grupo de professores e professoras de EF da cidade de Sete Lagoas (MG).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como foco a investigação das relações entre gênero e as experiências de lazer entre os professores e professoras de EF de escolas públicas de Sete Lagoas durante o período pandêmico de março de 2020 a março de 2021.

Os resultados encontrados sinalizaram que questões de gênero estão implicadas na diferença de oportunidade e usufruto do tempo, espaço e experiências de lazer, especialmente para dois grupos: as professoras identificadas como mulheres cis, assim como entre professores que se autodeclararam gays e homens cis.

A relação entre lazer e gênero é percebida por essas pessoas como um espaço onde questões de preconceito, de violência, vulnerabilidade social e estereótipos se (re)produzem criando, portanto, barreiras que limitam a apropriação e o fluir do lazer em sua plenitude enquanto um direito social e uma necessidade humana.

Em relação as práticas de lazer dos professores e professoras participantes desta pesquisa, constatou-se a prevalência de atividades relacionadas ao interesse virtual, como, por exemplo, o uso de redes sociais como *Facebook*, *Instagram*, *WhatsApp* e *TikTok*, bem como a

utilização de plataformas digitais como *Netflix* e *Prime Vídeo*, o que vai ao encontro de achados de outros estudos que abordaram o lazer na pandemia (MONTENEGRO; QUEIROZ; DIAS, 2020; RIBEIRO *et al.*, 2020; PESSOA; MOURA; FARIAS, 2021; CONCEIÇÃO, 2021).

Por fim, espera-se que a partir deste estudo, outros enfoques de pesquisas que tematizem o lazer e o gênero ganhem maior notoriedade. Observando a necessidade de contextualização dessa temática também em perspectiva interseccional, o que pode possibilitar uma maior aproximação com a realidade social dos variados grupos sociais e suas especificidades.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Marco Antonio Bettine de *et al.* A relação entre gênero e adesão à atividade física no lazer. **Conexões**, v. 10, n. 1, p. 94-102, 18 maio 2012. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8637691> .Acesso em: 18 jan. 2024.

BARBOSA, Carla; LIECHTY, Toni; PEDERCINI, Raquel. Restrições ao Lazer Feminino: Particularidades das Experiências de Lazer de Mulheres Homossexuais. **LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 16, n. 2, 20 jun. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/653> . Acesso em: 18 jan. 2024.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo Clássica**. Lisboa: 70 ed., 2006.

BARRETO, Andreia. A mulher no ensino superior: distribuição e representatividade. **Cadernos do GEA**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 6, p.1-46, jul. 2014. Semestral. Disponível em: http://flacso.org.br/files/2016/04/caderno_gea_n6_digitalfinal.pdf . Acesso em: 23 jan. 2024.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. atualizada até 03.01.2005. 10. ed. atualizada com a Emenda Constitucional 4. São Paulo: Revista dos Tribunais. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm . Acesso em: 04 fev. 2024.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. 20. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. **O que é lazer**. 3. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 2003.

CAMARGO, Wagner Xavier de. **Leituras de gênero e sexualidade nos esportes**. 1ed. São Carlos: EdUFSCar, 2021.

CONCEIÇÃO, Vagner Miranda da. Impactos da Pandemia de Covid-19 no Lazer e no Trabalho do Professor Universitário em Home Office. **LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 24, n. 3, p. 490–526, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/36337> . Acesso em: 23 jan. 2024.

CONNELL, Raewyn. **Gênero em termos reais**. Tradução de Marília Moschkovich. São Paulo: nVersos, 2016.

CONNEL, Raewyn; PEARSE, Rebecca. **Gênero uma perspectiva global**. Tradução de Marília Moschkovich. São Paulo: nVersos, 2015.

- CORREIA, Marcos Miranda; DEVIDE, Fabiano Pries; MURAD, Maurício. Discurso da licenciatura em Educação Física sobre as questões de gênero na formação profissional em Educação Física. In: DEVIDE, Fabiano Pries (org.) **Estudos de gênero na Educação Física e no esporte**. 1ed. Curitiba: Appris, 2017, p. 17-48
- DELPHY, Christine. Gênero, raça, sexualidade – debates contemporâneos. In: BAPTISTA, Maria Manuel (org.) **Gênero e Performance: textos essenciais I**. Gracio Editor, Coimbra, 2018, p. 197-214.
- DUMAZEDIER, Joffre. **Sociologia empírica do lazer**. São Paulo: Perspectiva/SESC, 1994.
- ESCOSTEGUY, Ana Carolina Damboriarena. Stuart Hall e feminismo. **MATRIZES**, v. 10, n. 3, p. 61-76, 23 dez. 2016. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/122541> . Acesso em: 01 fev. 2024.
- GOELLNER, Silvana Vilodre *et al.* Lazer e gênero nos programas de esporte e lazer das cidades. **LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 13, n. 2, 20 jun. 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/815> . Acesso em: 18 jan. 2024.
- GOMES, Christianne Luce. Lazer: Necessidade humana e dimensão da cultura. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**. Belo Horizonte, v. 1, n.1, p.3-20, jan./abr. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbel/article/view/430> . Acesso em: 18 jan. 2024.
- GOMES, Christianne Luce. **Lazer, Trabalho e Educação: relações históricas, questões contemporâneas**. 2 ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- KNIJNIK, Jorge Dorfman. Gênero: um debate que não quer calar. In: KNIJNIK, Jorge Dorfman (org.) **Gênero e esporte: masculinidades e feminilidades**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010, p. 25-65.
- LEIRO, Augusto Cesar Rios. Educação, lazer e relações de gênero: talhes e doxas. **Motrivivência**, Florianópolis, n. 19, jan. 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/956/4329> . Acesso em: 08 fev. 2024
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. 16. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2014.
- LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre. **Corpo, gênero e sexualidade: Um debate contemporâneo na educação**. 9. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2013.
- MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Estudos do lazer: uma introdução**. 4. ed. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2006.
- MARCELLINO, Nelson Carvalho. Possíveis relações entre educação física e lazer. **Revista Corpoconsciência**, Santo André, vol. 16, n1. p. 02-12, jan/jul 2012.
- MEIRA, Júlio Cesar. ESTUDOS DE GÊNERO E HISTORICIDADE: Sobre a construção cultural das diferenças. **Caderno Espaço Feminino** - UberlândiaMG - v. 27, n. 2 - Jul/Dez. 2014. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/nequem/article/view/29900> . Acesso em: 09 jan. 2024.
- MONTENEGRO, Gustavo Maneschy; QUEIROZ, Bruno da Silva; DIAS, Mairna Costa. Lazer em Tempos de Distanciamento Social: Impactos da Pandemia de Covid-19 nas Atividades de Lazer de Universitários na Cidade de Macapá (AP). **LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 23, n. 3, p. 1–26, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/24785> . Acesso em: 18 jan. 2024.
- PESSOA, Amanda Raquel Rodrigues; MOURA, Marla Maria Moraes; FARIAS, Isabel Maria Sabino de. A Composição do Tempo Social de Mulheres Professoras Durante a Pandemia. **LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 24, n. 1, p. 161–194, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/29532> . Acesso em:

18 jan. 2024.

RIBEIRO, Olívia Cristina Ferreira *et al.* Os Impactos da Pandemia da Covid-19 no Lazer de Adultos e Idosos. **LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 23, n. 3, p. 391-428, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/25456> . Acesso em: 18 jan. 2024.

SAMPAIO, Tânia Mara Vieira. O Processo Educativo de Lazer: Vivências de um Grupo de Mulheres. In: SAMPAIO, Tânia Mara Vieira; SILVA, Junior Vagner Pereira da (Org). **Lazer e Sociedade: múltiplas relações**. Brasília: Universa, 2011, p. 27-44.

SILVESTRE, Bruno Modesto; AMARAL, Silvia Cristina Franco. O Lazer dos Professores da Rede Estadual Paulista: Uma Investigação Comparativa Entre os Gêneros. **LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 20, n. 1, p. 60-87, 28 mar. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/1587>. Acesso em: 18 jan. 2024.

VEIGA, Ana Maria; PEDRO, Joana Maria. Gênero. In: **Dicionário crítico de gênero**. 2.ed. – Dourados, MS: Ed. Universidade Federal da Grande Dourados, 2019.